

Na minha ligação de amizade
aos alunos de Economia e Gestão
e de Direito
da Universidade Católica
identifico cinco etapas diferentes.

De 1973 até 1978 fui estudante de teologia.
Os alumni desse tempo consideram-se,
e considero-os eu,
meus colegas.

Com muitos deles estabeleci amizades
que me acompanham até hoje.

A essa primeira fase pertencem
as primeiras aulas que dei na universidade,
e portanto também os meus primeiros alunos.

A partir de 1978 e durante dez anos fui capelão;
e além disso,
ensinei doutrina social da Igreja
aos economistas e gestores
e ética social aos juristas.
Foram anos de dedicação plena à Católica,
e neles firmei amizades
muito profundas e verdadeiras.

Em 1988 fui-me embora:
a Igreja chamava-me para outras missões
e meti ombros a tarefas muito diferentes.
Levava comigo uma grande recordação e
muitas amizades,
mas parecia que a minha ligação à Católica
acabara.

Mas ia haver uma terceira fase:
um meu antigo aluno chegado à direção
convidou-me para voltar,
como professor de ética da empresa.
Vinha à Católica uma vez por semana,
um semestre por ano,
para dar uma aula a quarenta finalistas de
gestão.
Era uma presença muito marginal à minha vida
de então,
mas reabriu uma porta
que eu julgava fechada para sempre.
Dos meus alunos desses anos
conservo gratas lembranças
e algumas amizades.

A esse sossegado remanso
me foi buscar uma vez mais a universidade,
para me confiar as aulas de Cristianismo e
Cultura
de economistas e gestores.

Assim começou a quarta fase, laboriosa e
exigente.

Novamente me passavam pelas mãos
todos os alunos da faculdade:
mas eu não estava disponível para eles
como estivera na década de oitenta.

E tinha mais vinte anos em cima de mim,
que não me tinham dado só mais sabedoria,
também me tinham desgastado o entusiasmo
e embaciado o brilho.

Foram anos difíceis para mim:
fui cumprindo esta missão
enquanto a universidade me pediu,
sempre com a sensação
de não estar conseguindo chegar aos alunos,
de não conseguir elevar a cadeira,
no espírito da maioria dos que a frequentavam,
acima de uma formalidade que era preciso
despachar.

Apesar da permanente sensação de meio
fracasso
que me acompanhou ao longo desses anos,
trouxe deles muitos e bons amigos.

Por fim, a quinta fase, que está a chegar ao fim, consistiu no convite a assumir a direção do Instituto de Direito Canónico.

O meu empenho principal nestes últimos anos foi levar por diante a formação dos canonistas.

Mas guardei a responsabilidade última de Cristianismo e Cultura

e comecei na Faculdade de Direito o ensino de Direito da Liberdade Religiosa.

Nesta minha sinuosa carreira,
ao longo da qual me encontrei com cada um de
vocês,
gostaria de lembrar com gratidão
algumas pessoas
sem as quais não teria sido assim.

A minha irmã Carmo.

Toda a minha presença de quarenta anos na Católica começou como amizade com os amigos dela.

Jorge Miranda, que me chamou às primeiras aulas que dei na Católica.

O professor Antunes Varela, que Deus tenha em glória, que me confiou a regência de Doutrina Social da Igreja.

O João Borges de Assunção, protagonista e responsável do meu regresso à Católica.

O Manuel Braga da Cruz que, como Reitor, me chamou primeiro à regência de Cristianismo e Cultura, e por fim à direcção de Direito Canónico.

Mas estes cinco nomes que acabei de dizer têm atrás de si uma lista incontável de amigos que recordo nesta hora:

os Reitores com quem trabalhei,
os assistentes que me ajudaram a dar as
disciplinas que me foram confiadas,
os Sacerdotes que trabalharam comigo na
capelania,
as equipas que me acompanharam na pastoral
universitária
(Gac- grupo de apoio a capelania
Gasuc-grupo de acção social da universidade
católica,
AUC, Acção Universitária Católica
catequistas do crisma,
direcção do coro,
peregrinos de Fátima,
redacção do jornalinho da capelania, o Recado,
secretariados das Equipas de Jovens de Nossa
Senhora,)

E depois todos aqueles que não foram
propriamente meus colaboradores,
mas responderam aos desafios que lhes fui
lançando

Os que vieram à missa que durante dez anos
celebrei às 8h e meia da manhã da capela
daquele tempo,

os que peregrinaram a pé a Fátima comigo

Os que receberam o Crisma na celebração, que
promovi todos os anos a partir de 1982

Os que participaram nos retiros, que a capelania
promoveu, nos grupos de reflexão, nos campos
de férias missionários,

os que, aceitando o desafio do Gasuc, visitaram
as prisões e os doentes do Santa Maria, e
organizaram campos de férias para as crianças
dos bairros de barracas vizinhos da católica

Os que foram a Roma comigo na peregrinação
de Jovens de Lisboa em 1983

Os que foram ao Brasil,

As muitas centenas de alunos que passaram
pelas minhas aulas

Ao longo dos anos

a minha relação sacerdotal com muitos de
vocês foi-se aprofundando.

Com alguns tornou-se

cotidiana companhia de fé:

nas equipas de casais,

no movimento Comunhão e Libertação,

nas minhas paróquias,

no colégio que ajudei a fundar,

em tantas obras e associações que acompanhei
ao longo dos anos,

muitos dos que se empenharam comigo

na construção da Igreja

estavam comigo desde os tempos da católica.

Muitos outros,
sem um compromisso tão próximo,
recorreram a mim para os casar,
lhes baptizar os filhos,
os acompanhar na morte dos que amavam,
para se confessarem,
para pedir um conselho.

E tantos não os voltei a ver
desde a entrega dos diplomas
ou da festa de finalistas...

Mas a minha gratidão
a tantos que de tão diferentes maneiras me
acompanharam
abraça e inclui todos os que passaram pela
Católica.

De todos me sinto responsável e a todos levo na
minha oração.

